

## FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA SOCIAL-DEMOCRACIA \*

OSÉ AFONSO DA SILVA

I — Nascimento; II — Social-Democracia Revolucionária;  
III — Revisionismo Social-Democrata; IV — Reconstrução

### I — NASCIMENTO

1. A *social-democracia* surgiu na Alemanha entre 1863-1875 e se espalhou rapidamente por toda a Europa, como forma de organização dos trabalhadores sob o capitalismo democrático.

2. A *social-democracia* alemã resultou da fusão de duas formações político-partidárias: A *Associação Geral dos Trabalhadores Alemães*, fundada por Ferdinand Lassalle, em maio de 1863, e o *Partido Social-Democrata dos Trabalhadores*, constituído em agosto de 1869 no Congresso de Eisenach, por dois socialistas, o intelectual Wilhelm Liebknecht e o operário autodidata August Bebel.

3. Lassalle percebeu a necessidade de constituir um partido político da classe operária, independente da burguesia,

---

\* Nota do Editor: Este trabalho é anterior às últimas mudanças ocorridas na política mundial (unificação da Alemanha, dissolução da União Soviética, etc.).

para lutar pela conquista do *sufrágio universal* (vivia-se, na época, sob a monarquia prussiana, que tinha Bismark como seu primeiro ministro), por um novo modo de produção que lograsse justa repartição dos produtos conseguido pela sociedade, direitos sociais iguais para todos, e pela criação de cooperativas de produção. Foi com esse propósito, de organizar os trabalhadores num partido autônomo da burguesia, que ele convocou os operários de Leipzig, concitando-os à formação do referido partido. Afastado da ortodoxia marxista, preconizava, assim, uma espécie de *socialismo de Estado*, cujas funções não seriam apenas a de vigilante noturno, mas fazer reinar a justiça social. Com sua morte, em duelo, no ano seguinte, seus sucessores deram rumo diferente ao partido, que não teve bastante êxito em sua política.

4. Os fundadores do *Partido Social-Democrata dos Trabalhadores* eram ligados a Marx e Engels, tanto que estes se referiam a esse partido como “nosso partido”. Seu objetivo principal era o de construir a estrutura de um Estado popular livre, comprometendo-se a combater a situação política e social injusta então vigente, a lutar pela libertação da classe trabalhadora, pela igualdade de direitos e deveres, pela abolição de todas as formas de dominação de classe, pela abolição do sistema de produção em curso e sua substituição pelo trabalho cooperativo, que desse a cada trabalhador uma participação completa no produto do trabalho. Afirmava que a liberdade política era a pré-condição indispensável para a libertação econômica da classe trabalhadora; a questão social era inseparável da política, por isso sua solução estava condicionada à solução política, o que só seria possível no Estado Democrático. A par desses princípios, o programa do Partido indicava também algumas demandas imediatas de agitação partidária, como o sufrágio universal, para todos os *homens* maiores de 20 anos, para participar nas eleições do Parlamento nacional (vivia-se na monarquia absoluta, ainda); introdução da legislação direta (iniciativa legislativa e veto popular); abolição de todos os privilégios de classe, de propriedade, de nascimento e de confissão; estabelecimento de milícias populares em vez de exército

permanente; educação obrigatória nas escolas primárias e educação gratuita em todas as instituições educativas públicas; revogação das leis de imprensa; eliminação de todos os impostos indiretos e introdução de um imposto único e progressivo sobre a renda e a herança; apoio estatal ao cooperativismo e créditos para cooperativas de produção livres, com garantias democráticas.

5. Em 1875, no Congresso de Gotha, fundiram-se essas duas organizações operárias alemãs, resultando daí o *Partido Socialista Operário da Alemanha*. O programa de Gotha parte da idéia de que o trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura; que todos os membros da sociedade têm igual direito de perceber o fruto íntegro do trabalho, dentro do trabalho obrigatório geral; que a dependência da classe operária é a causa da miséria; que a emancipação do trabalho exige que os meios de trabalho se convertam em patrimônio comum da sociedade com repartição equitativa dos seus frutos. Partindo desses princípios básicos, o Partido lutaria, com todos os meios legais, para o Estado livre e uma sociedade socialista; para que se rompa a lei férrea do salário por meio da abolição do sistema de trabalho assalariado; para a eliminação da exploração em todas as suas formas; a eliminação de todas as formas de desigualdade social e política. O Partido atuaria dentro de um marco nacional embora consciente do caráter internacional do movimento obreiro. Para possibilitar a solução da questão social, preconiza a criação cooperativas de produção socialista com a ajuda do Estado e sob controle democrático do povo trabalhador. Preconiza a adoção de participação direta do povo na elaboração legislativa e nas decisões sobre a guerra e a paz; a abolição da legislação de emergência; educação popular geral e igualitária sob a responsabilidade do Estado; educação geral obrigatória e gratuita em todas as instituições educativas; ampliação dos direitos e liberdades políticas; imposto progressivo único sobre a renda, em lugar dos impostos indiretos que prejudicam o povo; direito de associação ilimitado; jornada de trabalho de acordo com as necessidades sociais; proibição do trabalho dominical e de trabalho das crian-

ças e de todo trabalho que prejudique a saúde física e moral das mulheres; lei de proteção da vida e da saúde dos trabalhadores; controle sanitário das moradias de trabalhadores; supervisão de minas, fábricas, oficinas, indústrias domésticas, por funcionários eleitos pelos trabalhadores; uma lei de efetiva responsabilização dos empresários; autonomia administrativa para todas as caixas de seguro dos trabalhadores e de seguros de ajuda.

6. O *programa de Gotha*, como se sabe, sofreu severas críticas de Marx. Muitas delas eram inteiramente procedentes do ponto de vista doutrinário; outras se apresentam incompreensíveis hoje, como chamar o sufrágio universal, a legislação direta, o direito popular, de reivindicações políticas “da velha e surrada ladainha democrática”, assim como a crítica ao ensino público e ao ensino gratuito, com argumentos bem ao gosto dos atuais defensores do ensino privado e do ensino pago. Ei-la:

“*Educação popular igual?* Que se entende por isto? Acredita-se que na sociedade atual (que é a de que se trata), a educação pode ser *igual* para todas as classes? O que se exige é que também as classes altas sejam obrigadas pela força a conformar-se com a modesta educação dada pela escola pública, a única compatível com a situação econômica, não só do operário assalariado, mas também do camponês?

“*Assistência escolar obrigatória para todos. Instrução gratuita.* A primeira já existe, inclusive na Alemanha; a segunda na Suíça e nos Estados Unidos, no que se refere às escolas públicas. O fato de que em alguns Estados deste último país sejam “gratuitos” também os centros de ensino superior, significa tão somente, na realidade, que ali as classes altas pagam suas despesas de educação às custas do fundo dos impostos gerais.

“Isso de *educação popular a cargo do Estado* é completamente inadmissível. Uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos para as escolas públicas, as condições de capacitação do pessoal docente, as matérias de ensino. etc., e velar pelo cumprimento destas prescrições legais mediante

inspetores do Estado, como se faz nos Estados Unidos, e outra coisa completamente diferente é designar o Estado como educador do povo! Longe disto, o que deve ser feito é subtrair a escola a toda influência por parte do governo e da Igreja”.

Outra crítica incompreensível é aquela feita à proibição geral do trabalho infantil. É certa a observação de que era absolutamente necessário fixar o limite de idade. Não foi essa, porém, a essência da crítica, mas a proibição em si, e ainda piores foram os fundamentos da crítica, conforme suas próprias palavras: “A *proibição geral* do trabalho infantil é incompatível com a existência da grande indústria e, portanto, um piedoso desejo, porém nada mais. Pôr em prática esta proibição — supondo-a factível — seria reacionário, uma vez que, regulamentada severamente a jornada de trabalho segundo as diferentes idades e aplicando as demais medidas preventivas para a proteção da criança, a combinação do trabalho produtivo com o ensino, desde uma tenra idade, é um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual”.

7. O programa de Gotha fez, de fato, muitas concessões ao lassalianismo, que Marx não tolerava. Considera-se que foi o último triunfo da doutrina de Lassalle sobre o marxismo, dentro do Partido. Por isso, Marx o qualificou de “uma mal redigida santificação do credo de Lassalle”. Realmente, o programa renegou o internacionalismo proletário (ponto fundamental do marxismo, que Lênin acabou contrariando também), indentificou-se expressamente com os “meios legais” e reiterou as demandas liberais e pró-socialistas de reformas “dentro da sociedade atual”, (sobretudo o postulado da liberdade de sindicalização, liberdade de imprensa, dia normal de trabalho, e outros já lembrados), “imposto único e progressivo sobre a renda”, que, na precedente crítica de Marx, pressupõe as diferentes fontes de receita das diferentes classes sociais, isto é, a sociedade capitalista.

8. Com esse programa, os social-democratas, unidos num único partido, concorrem às eleições parlamentares de 1877, com sua votação subindo de 352.000 para 493.000 votos, elegendo 12 deputados. No ano seguinte, contudo, o Partido foi

declarado ilegal pelas leis anti-socialistas de Bismark. Foi, no entanto, durante o período de ilegalidade (1878-1891) que ele cresceu e se estruturou adquadamente. Cinquenta e um periódicos social-democratas apareceram no território alemão, contribuindo decisivamente para o papel multiplicador e organizativo do partido, embora mais de dois mil dirigentes e militantes tenham sido presos ou exilados, no período. Quando, em 1891, o partido recobrou a legalidade, Marx já havia morrido (1883), mas Engels continuava atento à sua reorganização. Eduard Bernstein tinha transmitido à social-democracia alemã o essencial do pensamento marxista, por via do jornal *Sozial-Demokrat*, que ele publicava na Suíça, e organizações clandestinas introduziam no território da Alemanha. Então, outro marxista alemão, Karl Kautsky (1854-1938), assumira certa liderança doutrinária dentro do Partido. Por isso, o programa de Erfurt xismo como a única teoria e doutrina política do Partido, que (aprovado no Congresso de Erfurt em 1891) reconheceu o marxismo como a única teoria e doutrina política do Partido, que assim ingressa em nova etapa que vai até 1918, a da *social-democracia revolucionária*, com o nome definitivo de *Partido Social-Democrata*.

9. No fim do século passado e início deste, outros partidos social-democratas surgiram na Europa, ainda que nem sempre ostentassem essa qualificação: Partido Socialista Operário (França, 1879, marxista), que se cindiu em dois, o *Partido Socialista da França* (1901), guedistas, marxista, ortodoxo) e o *Partido Socialista Francês* (1902, possibilista, reformista); na Inglaterra, *Sociedade Fabiana* (socialistas reformistas, composta de professores, escritores, etc., Bernard Shaw, G. Wells, etc.) e na mesma época *Federação Social-Democrata* (1884, composta de partidários de Marx, não teve influência sobre os trabalhadores ingleses). Em 1900, foi fundado o *Partido Trabalhista* (não marxista, reformista), ao qual aderiu a *Sociedade Fabiana*; *Partido Social-Democrata da Austria* (1884, não marxista inicialmente, depois sofreu influência marxista, ao lado de corrente lassaliana); *Partido Social-Democrata da Hungria* (1890); *Partido Social-Democrata Dinamarquês* (1880) e Par-

*tido Social-Democrata Sueco* (1889) de tendência lassaliana, que preferiram controlar a economia por um sistema de negociação periódica das convenções coletivas e por instrumentos fiscais; *Partido Operário Social-Democrata da Rússia* (1898, mas só em 1902, foi organizado definitivamente), ao qual pertencia Lênin e outros marxistas, mas nele militavam também outros grupos progressistas não marxistas; em 1903, dá-se a famosa cisão no Partido Social-Democrata Russo, que se divide em mechenv.que (minoría) e bolchevistas (maioría), estes sob a orientação de Lênin.

## II — SOCIAL-DEMOCRATA REVOLUCIONÁRIA

10. O *Programa de Erfurt* (1891) do *Partido Social-Democrata da Alemanha* foi elaborado por Karl Kautsky, com revisão de Engels. Abandonou-se qualquer traço da doutrina de Lassalle. O Partido se tornara marxista. Foi a corrente mais importante da IIª Internacional, na qual, como na Iª, vigorava grande pluralismo de inspiração socialista. Kautsky exerce profunda influência no Partido. Nomes como Rosa Luxemburgo, Augusto Bebel, Karl Liebknecht, até 1914, sustentam a ortodoxia marxista no Partido, utilizando a terminologia revolucionária compatível: luta de classe, socialização dos meios de produção, ditadura do proletariado, internacionalismo. Mas o essencial do Programa repousa na definição de certo número de objetivos precisos, de reformas práticas que o Partido deveria conquistar no quadro do regime existente: sufrágio universal na Prússia, incluindo o voto feminino, eleição dos principais funcionários, imposto progressivo sobre a renda, participação popular direta (iniciativa popular, referendo), jornada de trabalho de oito horas, semana inglesa, interdição do trabalho aos menores de 14 anos, criação de comissões eleitas para a administração da seguridade social. A ortodoxia doutrinária cedeu lugar a uma ação reformista que, ao longo do tempo, foi predominando que permitiria a transformação progressiva do estatuto dos trabalhadores.

11. Em 1914, os deputados do Partido Social-Democrata da Alemanha aprovaram os créditos necessários à guerra. Isso gerou forte crise na social-democracia alemã, que mereceu um folheto de Rosa Luxemburgo (*A Crise da Social-Democracia*), no qual criticou acerbamente essa posição dos parlamentares do Partido, que, a despeito das divergências internas, se havia transformado numa força política de grande prestígio, crescendo de eleição para eleição. Na eleição de 1912 obtivera 4.250.000 votos, ou seja, 35% dos sufrágios, com 1.700.000 filiados. Conquistou, então, 110 cadeiras no Parlamento, os quais, no dia 4.8.14, votaram unanimemente a favor da guerra. Em 1916, um grupo, sob a direção de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Walter Mehring, formou a corrente esquerdista revolucionária, dentro do Partido, chamada *Espártaco*. Logo se constituiria uma dissidência maior, contra a direção partidária de Hugo Haase que comprometia o Partido com as forças reacionárias. Esses dois grupos dissidentes formaram, em abril de 1917, o *Partido Social Democrata Independente*, incluindo figuras como Kautsky e Bernstein. Os espartaquistas, que formaram a esquerda revolucionária do Partido, constituíram, em novembro de 1917, o *Partido Comunista Alemão*, sob a orientação de Moscou, no qual ingressaram alguns membros do Partido Social-Democrata Independente, enquanto outros retornaram ao Partido Social-Democrata. Com isso, o movimento operário alemão se dividia entre os Partido Comunista e o Partido Social-Democrata. Este assumiu o poder depois da guerra, conseguindo convocar uma Assembléia Constituinte em 1919, que instituiu a República de Weimar, mas se envolveu numa série de compromissos com elementos desprovidos de escrúpulos, que provocaram um golpe em Berlim, com a prisão de Rosa Luxemburgo e Liebknecht e suas mortes, por assassinato, por um grupo de oficiais fanáticos.

12. Enquanto isso, na Rússia, sob a rígida direção de Lênin, a facção majoritária (bolchevistas) do Partido Operário Social-Democrata ia liquidando a corrente moderada. Para isto, Lênin estrutura o Partido em bases de vanguarda revolucionária e do centralismo, sob o fundamento de que a derrubada

do capitalismo não poderia resultar só da ação das massas, mas de profissionais devidamente educados para fins revolucionários, aos quais haveria de caber a direção partidária, de maneira reconhecida e centralizada. Rosa Luxemburgo criticou severamente essa postura, em que Lênin via um princípio específico do marxismo revolucionário, no qual o comitê central estava autorizado a organizar todos os comitês locais do Partido, com o poder de decidir a composição pessoal de cada organização russa local. Para ela o ultracentrismo defendido por Lênin estava impregnado não mais de um espírito positivo e criador, mas do espírito do vigia noturno, em que toda preocupação se destina a controlar a atividade do Partido e não a fecundá-la, a restringir o movimento ao invés de desenvolvê-lo, a destruí-lo ao invés de unificá-lo.

13. O leninismo conduz o Partido Operário Social-Democrata da Rússia à revolução. Os bolchevistas, sob a rígida e autoritária batuta de Lênin, depois de Stalin, expurgam o Partido de todas as correntes socialistas que não se submetessem à férrea disciplina doutrinária marxista-leninista. Acusam a todos de revisionistas, de reformistas, de oportunistas, de renegados. Já no poder, Lênin propõe a mudança do nome do Partido para Partido Comunista, renunciando o designação de Partido Social-Democrata, "já que tal designação tinha sido enlaçada pelos partidos da IIª Internacional e pelos mencheviques russos que haviam, covardemente, traído o socialismo". Em consequência propôs também a fundação da IIIª Internacional, a Internacional Comunista, o que ocorreu na VIIª Conferência Bolchevista no início de 1918.

14. Curioso é que Lênin, no poder, começa a combater os esquerdistas revolucionários, que se recusavam a participar de eleições para os parlamentos, fazer acordos com outras forças políticas, inclusive liberais-burguesas progressivas, atuar nos sindicatos reacionários, como os espartaquistas no Partido Social-Democrata Alemão, a Federação Socialista Operária e o Partido Socialista Operário, ambos da Inglaterra (censurados estes dois últimos, porque se pronunciaram contra a sua própria participação nas eleições parlamentares e por recusarem

aliança com o Partido Trabalhista), os esquerdistas do Partido Socialista Italiano e do Partido Comunista Holandês. Todas essas correntes, que, segundo ele (1920), sofriam da doença infantil do “esquerdismo” no comunismo, transformaram-se (se já não o eram) nos Partidos Comunistas em seus países.

### III — REVISIONISMO SOCIAL-DEMOCRATA

15. O *revisionismo*, como uma corrente que pretendia re-  
ver ou negar alguns postulados do pensamento de Marx, e assim  
negar seu caráter revolucionário, para adotar um programa in-  
teiramente reformista, manifestou-se cedo no seio do Partido  
Social-Democrata Alemão. Essa posição foi repelida, de modo  
que o Partido reconheceu o marxismo, via Kautsky, como a sua  
única teoria e doutrina política (Programa de Erfurt, 1891).  
Berestein, no exílio, contribuiu muito com o jornal Social-De-  
mocrata para a doutrinação marxista do Partido. Kautsky  
exerceu sobre este, um magistério marxista ortodoxo constante,  
tendo sido o principal responsável pelo programa de Erfurt,  
para o qual recebeu a ajuda de Engels, que veio a falecer em  
1895.

16. Bernstein fora considerado por Engels um marxista  
firme. Mas foi ele o principal revisionista. Submeteu o pensa-  
mento de Marx a uma profunda análise, expondo suas conclu-  
sões críticas numa carta ao Congresso da Social-Democracia  
Alemã, reunido em Stuttgart de 3 a 8 de outubro de 1898, e  
numa série de artigos intitulados *Problemas do Socialismo*.  
Seu ponto de vista ficou minoritário. Ele atacou cinco pontos  
fundamentais do pensamento de Marx: 1) é inexato pensar que  
os fatores econômicos têm uma importância decisiva na for-  
mação da consciência dos povos; 2) introduz, na concepção  
marxista sobre o valor e a mais-valia, a noção de necessidade,  
gosto e utilidade da escola marginalista; 3) recusa crer numa  
evolução catastrófica da economia; 4) é um erro falar em agra-  
vação da luta de classe; 5) refuta a noção de ditadura do pro-  
letariado, depositando sua confiança na democracia que recusa

toda discriminação fundada sobre a propriedade, as origens e a crença. Não é certo — afirma ele — que eu tenha cessado de crer que o proletariado possa um dia conquistar o poder político e econômico. “Eu simplesmente nego o desmoronamento da sociedade burguesa esteja próximo, e tenha dito que a social-democracia não deveria fundar sua tática sobre a esperança de uma catástrofe iminente”; “deveria preferir a via legal à ilegal e à violência. . . Eu penso que não se pode queimar etapas. Eis porque me vinculo primeiro aos deveres imediatos da social-democracia, à luta pelos direitos políticos da classe operária, às reivindicações e à organização dos operários”.

17. Kautsky se opôs ao revisionismo de Bernstein e sustentou, em face dele, cerca de vinte anos, a ortodoxia marxista no Partido. No entanto, foi ele que, em 1919, foi pintado de revisionista por Lênin, que lhe pespegou a expressão “o renegado Kautsky”, que o marca até hoje. É que Bernstein nunca criticou Lênin, por isso, embora reconhecido por ele como revisionista, nunca foi por ele acusado com tanta violência. Lênin não admitia críticas às suas posições. Ora, a acusação a Kautsky ocorreu precisamente após a censura que fez a Lênin, a propósito da oportunidade e do modo de fazer da revolução na Rússia. Para ele, esta foi conduzida como um golpe de força voluntarista, justamente porque as condições objetivas de desenvolvimento da classe operária não se verificavam na Rússia. Kautsky, assim, reprova Lênin por não utilizar as aquisições históricas da democracia em proveito do proletariado no poder. A Social-democracia alemã da República de Weimar critica os métodos de Lênin e depois Stalin. No Congresso de Heidelberg, em 1925, a referência é sempre ao marxismo, mas a prática tende para o reformismo, que assinalava, em primeiro lugar, a colaboração do partido para realizar as reformas, a que aspirava, urgentemente, na ordem social estabelecida e com base nela. Bernstein afirmara que a social-democracia deveria transformar-se, de partido da revolução social, em um partido democrático, de reformas sociais, pois que a social-democracia revolucionária não é necessária. Necessário é um partido de reformas democrática e socialista. Lênin, aliás, reconheceu, em

1911, que a exacerbação da luta do reformismo, contra a social-democracia revolucionária, dentro do movimento obreiro, constituía o resultado, absolutamente inevitável, das mudanças operadas em todas as condições econômicas e políticas de todos os países civilizados do mundo.

18. A social-democracia da República de Weimar (1920-1933) é a da ala moderada, reformista e democrática. O radicalismo revolucionário do Partido formou o Partido Comunista. No entanto, a história do Partido Social-Democrata, nesse período, foi de coalisões e compromissos, primeiro com forças democráticas progressistas da burguesia, depois com grupos reacionários e antidemocráticos, com a velha burocracia e magistrados de direita e com os militares. Diz-se, por isso, que foi uma história de ilusões e decepções. Sua aliança com as forças conservadoras e reacionárias impediu que a revolução política de 1918 fosse uma revolução social, que transformasse a velha estrutura da sociedade aristocrática-burguesa, contribuiu para o fracionamento do movimento operário, o que tornou impossível a coalisão e concentração das forças democráticas de esquerda. Houve até uma organização paramilitar social-democrata, que se chamava "Bandeira do Raich", que chegou a contar com mais de três milhões de filiados: 3 milhões de social-democratas em armas, que assim mesmo não foi capaz de impedir da derrocada da República social-democrata de Weimar com a consequência da ascensão de Hitler e do nazismo. As condições políticas para isso foram criadas pela própria social-democracia alemã.

#### IV — RECONSTRUÇÃO

19. Sufocado pelo regime nacional-socialista, entre 1933 a 1945, o Partido Social-Democrata da Alemanha se reorganiza a partir de 1945, participando da Assembléia Constituinte de Bonn, em 1949, com 27 deputados, ao lado dos democratas cristãos com 27, liberais com 5, nacionalistas e comunistas com 2 cada. A redação da Lei Fundamental (Constituição Alemã) de-

veu-se em grande medida a um social-democrata, Carlos Schmid. Mas o Partido Democrata Cristão subiu ao poder, ficando a Social-Democrata na oposição, com a mesma linha socialista de fundo marxista, não leninista, mas marxista-kautskista. Nestes anos, o Partido se opôs à política democrata-cristão que favorecia a integração unilateral da República Federal na Europa Ocidental, ao desarmamento e à entrada na OTAN, destacou, durante a guerra-fria, a necessidade de uma *Ostpolitik* flexível, que servisse a uma distensão na Europa e no mundo, assim como o entendimento da Alemanha com os vizinhos. Destacou também a importância da reunificação das duas Alemanhas.

20. Profundas mudanças ideológicas e programáticas manifestaram-se no Congresso de Bad Godesberg (1959). Diz-se que esse Programa, ainda vigente, foi a resposta do partido a um duplo desafio: a) as experiências dos jovens dirigentes do Partido no exílio (Inglaterra e Países Escandinavos, especialmente); b) e as mudanças ocorridas na Alemanha a partir de 1945, a reconstrução econômica, o êxito dos democratas cristãos e os efeitos do crescente *Welfare State* sobre a consciência política e a mentalidade dos cidadãos.

21. “O programa de Bad Godesberg confirmou a continuidade das tendências reformistas dominantes ao longo da história do partido a partir dos começos do século XX. É um programa basicamente reformista e realista, ideologicamente pluralista e algo “pós-revisionista”. Expressa claramente que não importa se se acerca do socialismo partindo do marxismo, do humanismo ou do cristianismo. O que importa é que o socialismo seja democrático e que a democracia seja social. Não é um programa utópico, mas comparado com a realidade econômica e social da República Federal — tanto a de 1959 como a de hoje — é um programa bastante radical e rigoroso. Reconhece a realidade da economia mista e destaca a necessidade de elaborá-la e concretizá-la muito mais, assim como a necessidade de ampliar as funções intervencionistas e de controle do Estado. Corresponde assim aos complexos problemas de uma economia capitalista altamente industrializada e organi-

zada, e de uma sociedade basicamente conservadora e orientada para o *status quo*, as quais podem — e devem — ser reformadas, por que — tal e como são — já não se podem revolucionar”.

“Paralelamente o partido reconheceu e aceitou as posições básicas da política alemã na era de Adenauer, a economia de mercado, a política exterior, o rearmamento, o ingresso na OTAN e a integração da Europa do Oeste. Conformou-se com uma realidade que não podia mudar. Deste modo, e mediante uma estratégia de longo prazo, preparada por Herbert Wehner, o grande arquiteto da responsabilidade e do aumento da credibilidade do Partido, o SPD entrou na grande coalisão com os democratas cristãos, na crise de 1966, o que facilitaria a formação da coalisão social-liberal, sob a liderança social-democrata, três anos mais tarde.” (Hans-Jürgen Puhle, “Problemas Históricas del Partido Social Demócrata Alemán”, in *Programas do Partido Social Demócrata Alemán*, Fundación Friedrich Erbert, Madri, 1986, de que me tenho servido amplamente neste texto).”

22. No poder, de 1969 a 1978, o Partido pôde empreender algumas reformas tidas como importantes. Muitas propostas, contudo, não se realizaram ou simplesmente fracassaram, o que tem contribuído para desilusões. Mas, ainda existe um considerável grupo de esquerda ou de centrosquerda, que forma uma oposição latente dentro do Partido (Hans-Jürgen Puhle, ob. cit., pp. 34 e 35).

#### BIBLIOGRAFIA

- Bernstein, Eduard, *Les Présupposés du Socialisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1974, trad. de Jean Ruffet.
- Buci-Glucksmann, Christine, e Therborn, Goran, *Le Défi Social-Démocrate*, Paris, François Maspero, 1981.
- Droz, Jacques, *Le Socialisme Démocratique 1864-1960*, Paris, Armando Colin, 1966.

- Instituto Marx-Engels-Lênin-Stalin, *Lênin* (Biografia), Rio, Vitória, 1955.
- Lênin, Vladimir Ilitch, *Que Fazer?*, Ed. Calvino, 1946, trad. de Luis C. Afilhado e Edison Dias.
- *A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo*. Rio, Vitória, 1960.
- *Sobre la Lucha contra el Revisionismo*, Pekin, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1960.
- *Sobre el Partido Proletario Revolucionario de Nuevo Tipo*, Pekin, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1960.
- Lênin e Luxemburgo, Rosa, *Partido de Massas ou Partido de Vanguarda* (Polêmica Rosa/Lênin), São Paulo, Nova Stella, 1985.
- Luxemburgo, Rosa, *A Crise da Social-Democracia*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presenta/Livraria Martins Fontes (Brasil), 1975, trad. de Maria Julieta Nogueira e Silvério Cardoso da Silva.
- Marx, Karl, e Engels, Friedrich, *Obras Escolhidas*, V. 2, São Paulo, Ed. Alfa-Omega, s.d.
- Mattick (Paul), Matthias (Erich), Porcacci (Giuliano) e Salvatori (Massimo L.), *Karl Kautsky e o Marxismo*, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1988.
- Przeworski, Adam, *Capitalismo e Social-Democracia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.